

## O PAPEL DA IMAGEM PARA A PERPETUAÇÃO DO IDEAL COLONIALISTA NA MODA

*The role of image in perpetuating the colonialist ideal in fashion*

Horta, Giselly; M.a; Universidade Federal Fluminense, gisellyhorta@gmail.com<sup>1</sup>

### Resumo:

Este artigo tem como objetivo analisar a representação dos trabalhadores da indústria têxtil através das imagens, como essas pessoas são retratadas através dessa disputa de território e quais imaginários são tecidos através dessas representações, e também das não-representações. Assim, a partir da tragédia no Rana Plaza, foi feita uma análise da rede que coloniza o imaginário através das narrativas e discursos da “moda sustentável”.

**Palavras-chave:** moda; imaginário; colonialismo;

### Abstract:

The aim of this article is to analyze the representation of textile industry workers through images, how these people are portrayed through this dispute over territory and what imaginaries are woven through these representations, as well as the non-representations. Thus, based on the tragedy at Rana Plaza, an analysis was made of the network that colonizes the imaginary through the narratives and discourses of “sustainable fashion”.

**Keywords:** fashion; imaginary; colonialism;

### Introdução

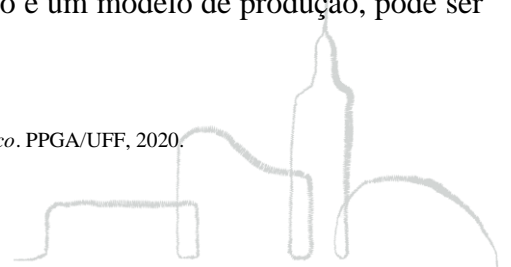
O que é moda sustentável? Essa pergunta parece já ter sido respondida algumas vezes, e consigo afirmar que muitas vezes eu mesma respondi em outros trabalhos<sup>2</sup>. Depois de mais de dez anos trabalhando com moda, volto a essa pergunta que na verdade nenhuma resposta me convenceu. Começamos a falar sobre sustentabilidade porque o mundo estava colapsando, e ainda está, era preciso cuidar do meio ambiente. Depois das pautas de desenvolvimento sustentável e as agendas perceberem que além do meio ambiente, as pessoas estavam sendo exploradas por essa indústria, a discussão alcançou mais vozes, mais espaços e por assim, se tornou uma discussão global, o território se expandiu através da ideia de combate às práticas do *fast fashion*.

Buscar encontrar a raiz da moda sustentável talvez seja um caminho em vão, e que no final do dia a resposta não existirá. O *slow fashion* afirmado pela sua criadora Kate Fletcher (2012), diz que não se trata do oposto ao *fast fashion*, e então o que será? A moda sustentável também não é um modelo de produção, pode ser

---

<sup>1</sup>Doutoranda do PPGCOM na Universidade Federal Fluminense (UFF) e Mestra em Antropologia (UFF).

<sup>2</sup>Debate feito em minha dissertação intitulada: *Feita em casa: uma análise da produção de moda na Lusco Fusco*. PPGA/UFF, 2020.



entendida em alguns de seus processos, mas por assim dizer, não é. A moda sustentável seria um conjunto de acusações ou um grande manifesto da insustentabilidade do *fast fashion*?

Ao escrever “fast fashion” no buscador do *google* o que aparece são inúmeras imagens de amontoados de roupas e pessoas em situação precária perto de máquinas de costura. O que nos diz? O *fast fashion* foi eleito o grande vilão. E se por um lado exista uma manifestação de vozes alcançando cada vez mais espaços, ecoando as pautas da sustentabilidade, por um outro lado o *fast fashion* também deu seus passos de desenvolvimento em seu modelo cada vez mais veloz e de impacto, o que era *fast* se tornou ultra.

Termo minha dissertação afirmando que roupa é casa. A discussão no trabalho visava olhar a produção da moda através da domesticidade e lá encontrei os saberes produzidos por mulheres em suas casas e sequestrados pela indústria. Durante um longo período trabalhei em tentar encontrar o que estava por trás dos processos, ir a fundo no que não estava sendo mostrado, propus nas linhas a necessidade de fazer o movimento de voltar para casa, entender as raízes, tudo aquilo que estava debaixo da terra, que fez brotar o que somos.

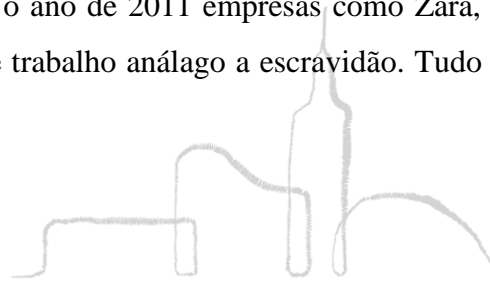
Na busca de encontrar o que não estava sendo mostrado, as histórias não contadas, as imagens não mostradas, me deparei com aquilo que estava sendo mostrado, como as histórias estavam sendo contadas. Passei a questionar as representações e representatividades nesse movimento, para assim olhar a atuação do que seria essa “moda sustentável” a partir daquele que a propõe.

A partir da proposta de Glicéria Tupinambá (2023), que aponta a necessidade de sair de uma moldura colonial na qual não nos encaixamos, esse artigo visa a partir da análise de imagens da tragédia em Bangladesh, no Rana Plaza, buscar caminhos de proximidades e afastamentos com as narrativas e imagens presentes no Brasil quando se trata de exploração da mão-de-obra na moda, observando que essa é uma questão presente nos debates em torno da atuação de uma “moda sustentável”.

Assim, pensando junto com Mignolo (2013) sobre as fronteiras, ao observarmos o desastre no Rana Plaza e os casos de trabalho análogo a escravidão no Brasil, vemos inicialmente todas as diferentes que os constituem, mas, ao avançarmos na análise, é possível encontrar intercessões e unidade entre o espaço e o tempo.

## A imagem e o imaginário

No dia 24 de abril de 2013, Rana Plaza ganhou destaque mundial. Até então falava-se da importância da indústria têxtil desenvolver meios de não agredir o meio ambiente, e até o ano de 2011 empresas como Zara, Marisa, Pernambucanas, Collins, já estavam respondendo processos sobre trabalho análogo a escravidão. Tudo



isso já acontecia na indústria têxtil, mas Rana Plaza e os 2500 feridos e mais de 1138 mortos, fizeram com o que o terror vivenciado nos fundos das indústrias têxteis ganhassem a superfície.

No artigo, *Quando a imagem é corpo: modos de sobreviver à máquina colonial* (2019), os autores iniciam apresentando duas experiências, uma delas foi se deparar com os ossos de pessoas escravizadas vindas da África no período colonial. A proposta no trabalho é de pensar “como é possível fazer surgir, da lama inerte, um corpo, uma vida e uma imagem” (p.482). Assim, pensar o impacto global que o Rana Plaza despertou produz a corporeidade da resistência, apesar da inerente violência do maior desastre que a indústria têxtil presenciou.

O prédio de oito andares se encontrava na cidade de Dakar, em Bangladesh, nesse estavam várias facções da indústria têxtil que operavam para diversas marcas. Estima-se que no momento do desabamento havia cerca de 3 mil pessoas no prédio. O problema estrutural já havia sido denunciado anteriormente, mas nada foi feito.

A fotógrafa Taslima Akhter teve sua foto (Figura 1) eleita pela Revista *Time* como uma das 10 melhores fotos do ano de 2013, além do prêmio de melhor fotografia da 5ª exposição internacional de fotografia de Dali. A imagem intitulada “Abraço Final” foi feita nos escombros do desabamento do Rana Plaza.

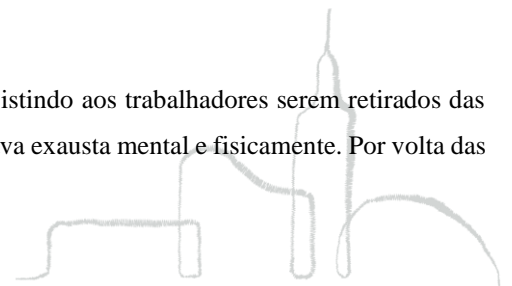
Figura 1: “Abraço Final”



Fonte: <https://time.com/3387526/a-final-embrace-the-most-haunting-photograph-from-bangladesh/>

Em entrevista à *Time*, a fotógrafa bengalesa conta:

Eu passei o dia inteiro do desabamento no local, assistindo aos trabalhadores serem retirados das ruínas. Eu lembro do olhar aterrorizado dos familiares - eu estava exausta mental e fisicamente. Por volta das



2h, encontrei um casal abraçado nos escombros. A parte inferior dos seus corpos estava enterrada sob o concreto. O sangue que saía dos olhos do homem corria como se fosse uma lágrima. Quando os vi, não pude acreditar. Era como se eu os conhecesse - eles pareciam ser muito próximos a mim. Eu vi quem eles foram em seus últimos momentos, quando, juntos, tentaram salvar um ao outro – salvar suas vidas amadas. (Taslina Akhter para *Time*, 2013)

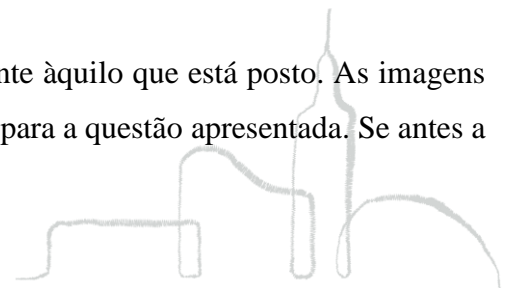
No decorrer da entrevista ela afirma que “nós não somos um número - não somos apenas trabalho barato e vidas baratas. Nós somos humanos como você”. As imagens possuem agência e produzem sentidos que estão além da superfície apresentada e da própria história na qual pertence. Ela fala ao mesmo tempo que é interpretada por aquele que vê, ela se mostra, é o que vemos, mas também nos olha de volta. A imagem afeta, possui poder. Se o ideal colonial instituiu as relações de poder e estruturas de exploração que são expostas em tragédias como a do Rana Plaza, o que se faz visível através dessas imagens a partir do constante processo de invisibilização? Por que o Rana Plaza? Foram inúmeras tragédias na indústria, mas foi o Rana Plaza que ganhou destaque mundial, e aqui temos uma possível resposta, a imagem. Taslima afirma: *eu quero que essa foto seja vista*.

Nunca a imagem se impôs com tanta força em nosso universo estético, técnico, cotidiano, político, histórico. Nunca mostrou tantas verdades tão cruas; nunca, sem dúvida, nos mentiu tanto solicitando nossa credulidade; nunca proliferou tanto e nunca sofreu tanta censura e destruição. Nunca, portanto, — esta impressão se deve sem dúvida ao próprio caráter da situação atual, seu caráter ardente —, a imagem sofreu tantos dilaceramentos, tantas reivindicações contraditórias e tantas rejeições cruzadas, manipulações imorais e execrações moralizantes.” (DIDI-HUBERMANP, 2012, p.209)

As imagens reconfiguram o território e se tornam dispositivos de luta, como afirma Abraham Nahón (2017). A partir da imagem se constrói inúmeras narrativas que podem obter vários significados e produzir o próprio imaginário. O imaginário é colonizado e está em constante disputa de produção da territorialidade através das imagens. Hubermanp (2012), quando fala que a imagem arde, evidencia essa força viva que ela possui e a abrangência narrativa de invenção de espaço e tempo. A partir das imagens as geografias são alargadas e constituídas em conjuntos de significantes.

Se por um lado a circulação da imagem das duas pessoas mortas, abraçadas nos escombros, produz a ideia trágica e urgente e chama a atenção do mundo para a exploração na indústria têxtil, por outro lado ela produz a ideia de que as pessoas do Sul Global estão constantemente nesse lugar de subserviência e exploração, e que é o único papel social atuado. As imagens corroboram com o imaginário de que é o imigrante, refugiado, a mulher, o negro, pessoas que são lidas socialmente pelo olhar colonizador como inferiores, continuam sendo retratadas dessa forma.

Tal aspecto evidencia a disputa de narrativa e do imaginário inerente àquilo que está posto. As imagens do Rana Plaza circularam pelo mundo, fazendo com que a atenção virasse para a questão apresentada. Se antes a



discussão sobre a exploração no setor ficava apenas entre as instituições e governo, o Rana Plaza, a partir das suas imagens, alcançou a superfície, dando destaque.

A denúncia através das imagens possui o caráter de luta em relação a exploração e a necessidade da transparência no setor. Mas, ao mesmo tempo, quando somente elas são apresentadas, perpetuam o ideal colonial, como se existisse sempre a necessidade da existência de um outro alguém falar por aquele que é explorado.

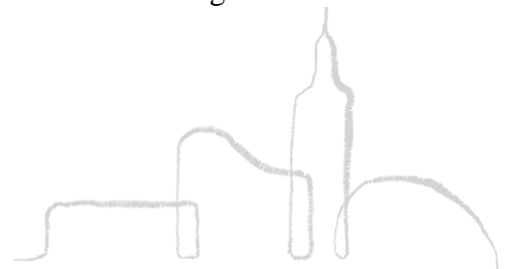
Tal processo corrobora com o imaginário do projeto colonial e perpetua apenas um lado da história, como se essas pessoas fossem escravas, sem suas identidades, e não escravizadas. Ver constantemente imagens de refugiados, imigrantes, em situação de vulnerabilidade e subserviência contribui para que essas pessoas continuem sendo vistas apenas nessas condições.

Em 2005 ocorreu o desmoronamento do Spectrum-Sweater, com cerca de 65 mortos. Alguns meses antes do Rana Plaza, trabalhadores morreram num incêndio na fábrica Tazreen, o mesmo aconteceu na Smart Export. Em 2010 um incêndio na That's It Sportswear deixou 29 mortos, o mesmo aconteceu na Garib & Garib, deixando 21 mortos.

Essas tragédias fizeram com que o Fórum Internacional de Direitos Trabalhistas (ILRF), desenvolvesse um relatório com o objetivo de chamar atenção do mundo para o que estava acontecendo em Bangladesh. Com o título “Segredos Mortais”, o relatório é dividido em 4 capítulos intitulados: a) Roupas de Pobreza ou Fios para a Riqueza?; b) Eles conhecem os perigos para os trabalhadores;; c) Mão de obra barata e trabalhadores em luta; d) O que deve ser feito: Os pontos de vista do governo, das empresas e dos trabalhadores.

Mas o fato é que só quando Rana Plaza desabou que o mundo passou a olhar com mais urgência para as questões trabalhistas na moda. Assim, logo após a tragédia foi feito o Acordo de Bangladesh, sendo guiado pela A IndustriALL, a UNI Global Union, em aliança com a Clean Clothes Campaign, que hoje é uma rede global localizada em mais de 45 países, que luta pelos direitos trabalhistas na indústria têxtil desde 1989. O Acordo responsabilizava as marcas pela segurança nas fábricas e dava maior poder e autonomia aos sindicatos, combatendo a violação dos direitos humanos. No primeiro momento H&M, Inditex, C&A, PVH, Tchibo, Tesco, Marks & Spencer, Primark, El Corte Inglés, Mango, Carrefour, KiK, Helly Hansen, G-Star, Aldi South, Aldi North, New Look, Mothercare, Next, Loblaws, Sainsbury's, Benetton, Grupo N Brown e Stockmann, assinaram o acordo.

O Acordo de Bangladesh se tornou Acordo Internacional abrangendo a Ásia e recrutando mais de 175 marcas. Segundo Kalpona Akter, presidente da Federação dos Trabalhadores Têxteis de Bangladesh em entrevista



à RFI<sup>3</sup>, as fábricas estão mais seguras e não existe o medo de acontecer uma nova tragédia, “e não houve nenhum acidente grave em 10 anos”. Porém, é preciso observar com calma o cenário e contestar o fato de Bangladesh continuar sendo um lugar de procura de mão de obra barata para grandes marcas, pois o acordo prevê a manutenção da estrutura e segurança, e não alcança a jornada excessiva de trabalho, os salários pela produção ainda não condizem com o trabalho, e as indenizações das vítimas de Bangladesh ainda não foram pagas em sua totalidade.

Em 2013, o Globo Repórter fez uma reportagem sobre trabalho infantil<sup>4</sup>, apresentando a exploração no setor da moda, pelo viés das joias e bijuterias. A reportagem afirmou que em pesquisa realizada em 2005 na região de Limeira, interior de São Paulo, pelo menos 8 mil crianças e adolescentes trabalhavam nesse setor. As crianças e adolescentes apresentavam diversas lesões, trabalhavam sem máscaras e luvas, com soldagem e ácidos.

Mignolo (2013) aponta que é preciso “contar as histórias não apenas a partir do interior do mundo moderno, mas também a partir de suas fronteiras” (p.83), ou seja, olhar para as fronteiras não é somente o que divide ou afasta, é o encontro. É perceber e entender que os lugares são construídos. Ao observar o desastre no Rana Plaza, é possível observar os caminhos que a exploração do trabalho também aponta para os acontecimentos no Brasil.

A escravização, exploração, é uma ferramenta colonial de constituição de poder, e por assim, ao sugerir um pensamento decolonial, é trazer à superfície o choque de visões de mundo. Para a ordem hierárquica imposta pelo ideal colonial perpetuar, é preciso fomentar o poder através da tensão. Para alguém permanecer no topo, é preciso que outro alguém seja base, “a classificação do planeta no imaginário colonial/moderno praticada pela colonialidade do poder, uma energia e um maquinário que transformam diferença em valores” (MIGNOLO, 2013, p.37).

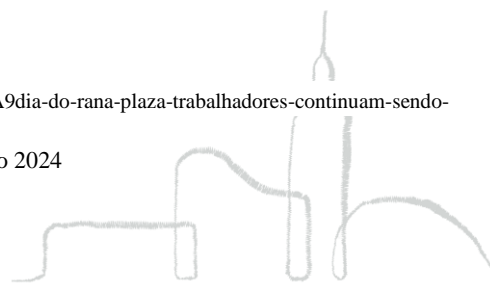
O colonialismo faz com que o espaço e o tempo sejam usurpados, dispersando os acontecimentos, tornando os fatos isolados. Ao observar a exploração dos trabalhadores na indústria têxtil em Bangladesh e no Brasil, é possível perceber essa construção de tentativas de dispersão. As ferramentas de exploração colonial são similares, através do tempo e do território a fim de produzirem a invisibilidade. A pergunta a ser feita é: o que nos torna visível?

## Trabalho escravo e moda

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/mundo/20230424-moda-uma-d%C3%A9cada-ap%C3%B3s-trag%C3%A9dia-do-rana-plaza-trabalhadores-continuam-sendo-explorados> Acesso em: 07 de setembro 2024

<sup>4</sup> Disponível em: [https://youtu.be/dCf\\_8uHR-Jw?si=tSx7ITIZMrpSuiUs](https://youtu.be/dCf_8uHR-Jw?si=tSx7ITIZMrpSuiUs) Acesso em: 07 de setembro 2024



A tragédia do Rana Plaza não foi um fato isolado na indústria da moda, como vimos até aqui, mas foi através dele que a atenção da mídia foi direcionada para falar sobre a exploração no setor, e produzir maior base para elaboração da narrativa da “moda sustentável”. É importante observar que a tragédia do Rana Plaza não está distante de nós, visto que essa dispersão territorial dos acontecimentos constroi o imaginário, que é ferramenta colonial, de que eles são os explorados, e nós os livres. Mas o que observamos quando olhamos para o Brasil?

O termo escravidão moderna me chama atenção. Assim como o uso da palavra analogia. Não se trata de escravidão, se trata de algo análogo á. Segundo o dicionário, a etimologia da palavra análogo deriva do grego "análogos.os.on", pelo latim "analogus,a, um", com o sentido de "simétrico, semelhante". Independente do termo usado antes ou depois da escravidão, os sentidos precisam estar atentos a questão central, a escravidão acabou, mas o trabalho escravo não, e a moda é um dos setores que torna evidente essa exploração.

A obviedade dessa afirmação se faz relevante quando é percebido e vivenciada a amnésia da própria história, afinal, o Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravidão, datada em maio de 1888, e a lei decretada no código penal em 1940, na criação do próprio, que afirma:

**Art. 149.** Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto: (Redação dada pela Lei nº 10.803, de 11.12.2003)

Em 2003 houve uma mudança na legislação com o objetivo de delinear melhor o que seria o trabalho análogo a escravidão que tem como pena prevista de 5 a 10 anos de prisão, mais o pagamento da multa. Em 2023 o projeto de Lei 734/23 chegou a Câmara dos Deputados com a proposta de classificar o trabalho análogo a escravidão como crime hediondo, sendo a luta constante e o projeto ainda não aprovado.

Se a Reforma Urbana e a ideia de revitalização no pós-abolição colocou seus esforços na tentativa de apagamento do período escravocrata, na tentativa de reescrever a história de acordo com o ideal do imaginário dos colonizadores, tais pessoas que foram sequestradas em sua terra matriz e escravizadas no Brasil, são novamente violentadas. Se no primeiro momento elas foram tiradas de seu território, agora o próprio território foi tirado delas. A abolição abriu espaço para novas formas de violência através da segregação e do não reconhecimento civil, uma nova forma de “morte social” (PETTERSON, 1977). Esse não reconhecimento social atrelado às políticas de imigração com discurso de “civilização” fomentou a precariedade e miséria, os imigrantes ocupavam esses trabalhos com pouca remuneração, e a política de apagamento se fez cada vez mais presente.

Nos últimos dez anos, o número de inquéritos civis sobre trabalho análogo a escravidão aumentou 93,2%, segundo dados do Portal da Inspeção do Trabalho. Dados da ABIT apontam que o Brasil concentra 1,5 milhões de trabalhadores diretos na indústria têxtil e vestuário, podendo chegar até 8 milhões se somados os informais.

Um estudo realizado pelo UNOPS e MPT na região metropolitana de São Paulo, apontou que a maioria das trabalhadoras em situação de precarização do trabalho no setor têxtil são mulheres negras, 44,9% se declararam pardas e 15,2% se declararam pretas.

Esses dados evidenciam que a discussão em torno da precarização do trabalho é urgente, mas também apresentam questões importantes para esse debate, do ponto de vista que os dados apresentam as mulheres negras como a maioria presente nesse setor, mas quando é observado a repercussão midiática e o número de denúncias em torno dessa exploração em relação a essas mulheres, é desproporcional.

Uma matéria do *GI* com o título: *Trabalhadores bolivianos são resgatados em condições análogas à escravidão em confecção de roupas em Americana*<sup>5</sup>, aponta a investigação para o combate ao trabalho análogo a escravidão, no qual os imigrantes bolivianos vivem em condições precárias, trabalhando em altas jornadas sem receber os devidos direitos. Além da matéria conter inúmeras imagens, é possível perceber o quanto os bolivianos são constantemente associados ao trabalho análogo a escravidão na moda.

Observando ao meu redor, as pequenas fábricas e oficinas de costura no fundo das casas em regiões como São Gonçalo, Maricá, Zona Oeste do Rio de Janeiro, que poderiam ser consideradas precárias para trabalho, é possível notar que são mulheres, pretas, brasileiras, das mais diversas idades, e alguns homens e crianças, que se encontram em vulnerabilidades e ativos na indústria têxtil.

Em entrevista a *Elle*<sup>6</sup>, Lys Sobral, procuradora e coordenadora da Coordenadoria Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo (Conaete), afirmou que, “existe uma provável invisibilidade do trabalho escravo contemporâneo de mulheres. Ao longo desses anos, elas terem sido menos de 10% dos resgatados não significa a não exploração, mas sim que algumas formas (de violação) estão passando. Entre as apostas, a cadeia da moda é uma delas” (2023)

A questão central do trabalho análogo a escravidão é a vulnerabilidade socioeconômica, dessa forma, as pessoas mais expostas socialmente a esses riscos continuam sendo as mulheres negras, e tal perspectiva não é considerada pelos órgãos que combatem esse tipo de trabalho, e pela própria mídia.

Nesse ponto é perceptível o quanto imigrantes, e como no caso, os bolivianos, também estão expostos a esses riscos devido ao histórico do país e as vulnerabilidades perceptíveis através da forma como as políticas públicas se desenvolvem, ou não, referente às lutas por terra e reformas.

Dessa forma se faz necessário ir além das imagens e narrativas apresentadas para encontrar o que está além da moldura, que como ferramenta de invisibilização produz a ideia de que essa exploração e precarização

<sup>5</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2023/04/20/trabalhadores-bolivianos-sao-resgatados-em-condicoes-analogas-a-escravidao-em-confeccao-de-roupas-em-america.html> Acesso em: 07 de setembro 2024

<sup>6</sup> Disponível em: <https://elle.com.br/moda/a-escravidao-contemporanea-ainda-esta-na-moda> Acesso em: 07 de setembro 2024



se trata de uma questão de imigração, ignorando o fato de que ainda é o próprio brasileiro, e no caso, mulheres negras, as mais exploradas no setor.

Existe o movimento de invisibilização da causa do imigrante e dos refugiados, retratada e representada de diversas formas, constituindo o imaginário do *não-lugar* e subserviência, e ao mesmo tempo existem imagens que não chegam a ser retratadas, que são totalmente ocultas da história, como é o caso das mulheres negras, que pelo ideal colonial, não são consideradas nem pessoas, portanto, não é uma questão para a sociedade.

A desumanização e animalização da colonização possui longa duração histórica, reverberando nas estatísticas de violência e desigualdades que perpassam a vida das mulheres negras. Percebe-se, aqui, que a história das mulheres negras mostra mais uma permanência de desigualdades e discriminações, do que de rupturas do passado escravagista (LOPES, 2020, p. 96).

### **Moda, poder e disputa de território**

Quando vemos no Rana Plaza as estratégias de circulação de imagens e da narrativa em torno da exploração das pessoas, observamos esse movimento no Brasil através dos discursos midiáticos em torno dos imigrantes, como apresentado anteriormente no caso dos bolivianos. Mas, para além do que é evidenciado pela mídia, vemos aquilo que não é pauta e que não é considerado, como é o caso das mulheres negras exploradas nesse setor.

Quando Mi Medrado e Heloisa Santos (2023) discorrem sobre sequestro de identidade, é apresentado a forma como essas narrativas e estruturas de poder usurpam a realidade em prol da hegemonia. Ou seja, a realidade é distorcida, principalmente através das próprias identidades de grupos que foram marginalizados pelos processos de colonização, e constantemente silenciados em prol da perpetuação de poder dos grupos dominantes.

Para essa rota se desenvolver, podemos pensar junto a Medrado e Santos (2023) ferramentas coloniais, como o silenciamento desses grupos, o controle do conhecimento, que determina quais saberes são válidos e quais saberes estão ultrapassados, a desumanização e invisibilidade. Assim, essas novas narrativas passam a narrar os fatos editados para que se crie uma outra narrativa, e através desse processo chamar de história do Brasil.

Segundo Mignolo e Vázquez (2013), esse controle histórico desloca, nega e exclui, e ao seguir um caminho decolonial, que é proposta do seu trabalho, desenvolve o conceito *decolonial aesthetics*, que seria tudo aquilo que foi expulso, que não foi considerado, sendo a arte e a estética ferramenta colonial usada para exclusão, e assim precisar ser também de resistência e reexistência, através das sensibilidades, de um caminho de cura, e aproximação de fronteiras nesta luta.

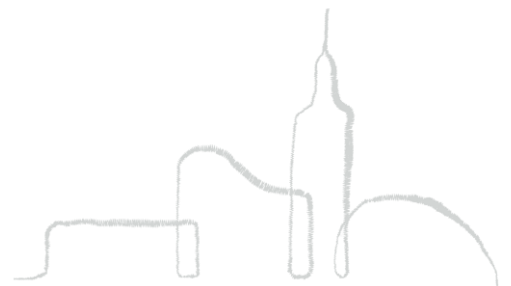


Glicéria Tupinambá em *O território sonha* (2023), inicia dizendo que “precisamos sair da moldura em que o mundo colonial nos colocou, na qual não nos encaixamos”. A moldura tem muitas funções e a principal é limitar o tamanho da obra, pensando por esse aspecto, observar essas tentativas do mundo colonial em encaixar de forma forçada e violenta aqueles que foram tidos como “os outros” se faz necessária. Moldurar, nesse movimento eurocentrista, é restringir território além da imagem, é ignorar o que se tem por trás, por cima, pelos lados, para assim moldar a história de acordo com a narrativa imposta.

Para entender esses processos na moda pela perspectiva proposta neste trabalho, é preciso “girar” esses conceitos, como propõe Heloisa dos Santos (2020), “para realizar tal processo, devemos compreender que a moda é um conceito inserido no projeto da colonialidade que ignora a história e a mudança entre os povos não ocidentais” (p.180), ou seja, é preciso olhar além da moldura.

No decorrer do texto, Glicéria Tupinambá (2023) aponta as narrativas construídas no período de invasão do território brasileiro, e como o relato de uma liderança feminina foi encontrado num escrito de Jean Léry, em 1580, apesar de todos os demais escritos buscarem invisibilizar a participação das mulheres e o poder que exerciam na comunidade. Suas indagações percorrem por questões de “como isso passou despercebido?”. Assim, fazendo o caminho de observação da própria autora, que narra sua ida ao Palácio de Versalhes, trago a imagem (Figura 2) da pintura de Charles de La Fosse, intitulada América. Nela encontramos o que seria a base da argumentação de Glicéria, na defesa de que o manto apresentado na obra se trata de um manto Tupinambá. Mas o ponto central para esse diálogo proposto se refere a essa figura da mulher, o poder e o protagonismo que está sendo retratado no teto de Versalhes como representação da América. A América é uma mulher guerreira, indígena, central e de poder. Contudo, como pontua Glicéria “ninguém narrou e empoderou nenhuma das mulheres tupinambás como negociantes. A elas é sempre atribuído um papel secundário e subalterno” (p.183).

Figura 2: América





Fonte: [arqueologiapelomundo.com.br/devolucao-de-manto-tupinamba-artefato-sagrado-retorna-ao-brasil-apos-seculos-no-exterior](http://arqueologiapelomundo.com.br/devolucao-de-manto-tupinamba-artefato-sagrado-retorna-ao-brasil-apos-seculos-no-exterior)

As imagens se apresentam, elas são vistas por nós, e nós as olhamos de volta. E nessa relação de interpretações e associações, elas constroem histórias e narrativas, e pode acontecer desse interesse em enxergar aconteça de forma unilateral, se olha, mas não se enxerga, como a autora aponta que as pessoas “só quiseram perceber a colonização, a forma como fomos escravizados e desapropriados” (p.185), as outras imagens e atores da história permaneceram nessa tentativa de invisibilização, sendo propagadas as imagens de exploração e sendo enterradas as imagens de poder.

Esse processo me faz observar as imagens na moda, e a procura dos meus pares, enquanto mulheres negras, não as encontro. Onde nós estamos? Escondidos em alguma parede de Versalhes, atrás das pinturas clássicas, cortados das imagens, aos pés dos colonizadores? As negociações de poder presentes na moda tornam as disputas de narrativas dos modelos de produção presentes na indústria, seja no modelo *fast fashion*, ultra, ou até nos discursos de “moda sustentável”, pautadas num modelo colonial.

A noção de *autogoverno* associada aos processos da moda pode criar pontes no sentido de imposição de poder através da usurpação da narrativa através de meios de invisibilização e violência, ou seja, invasão de território, este que é além do chão, para a partir daí transformar o que é conhecimento nosso, em deles.

Tal disputa, “na qual a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento”

(QUIJANO, 2005, p. 110). Dessa forma, o conhecimento se torna poder, e aquele que o possui passa a ter o domínio, que não se trata sobre sequestro e agressão de seus corpos, mas também da própria narrativa criada a partir da oratória e das imagens.

[...] [Stuart] Hall secundariza a tentativa de uma explicação temporal em favor de uma explicação que enxerga o pós-colonial como uma abordagem crítica que se propõe a superar a crise de compreensão produzida pela incapacidade de antigas teorias e categorias de explicar o mundo. O "pós" do pós-colonial não significa que os efeitos do domínio colonial foram suspensos no momento em que concluiu o domínio territorial sob uma colônia. Ao contrário, os conflitos de poder e os regimes de poder-saber continuaram e continuam nas chamadas nações pós-coloniais. Diante disso, na resposta de Hall, o que será distintivo no pós-colonialismo será a capacidade de fazer uma releitura da colonização, bem como o tempo presente a partir de uma escrita descentrada, da diáspora; ou ainda global, das grandes narrativas imperiais do passado, que estiveram centradas na nação. (COSTA; GROSFOGUEL, 2016, p. 15)

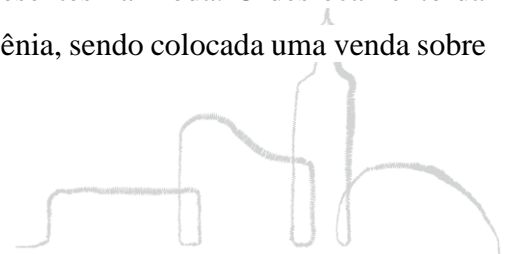
Assim, quando Quijano (2005) discorre sobre a colonialidade do saber, demonstra a herança epistemológica do eurocentrismo, que faz com que o mundo seja observado apenas pela narrativa de quem está no topo dessa hierarquia constituída através do colonialismo. Assim a moda, por ser um *fato social*, se torna ferramenta para a perpetuação dessas narrativas, a moda é disputa de poder, de imaginário, de violência, de significados, representações, discursos e de território.

### **Começo, meio, começo: considerações iniciais**

É central na “moda sustentável” a luta pela transparência na cadeia produtiva e a regulamentação do trabalho, pensando nos aspectos sociais, econômicos e culturais. Possivelmente a elaboração desse termo por grande parte das pessoas aconteceu pós Rana Plaza, a partir da circulação das imagens.

Esse aspecto demonstra a importância de chamar o consumidor para perto, mas também possibilita camadas e mais camadas na luta diária presente na vida dessas pessoas. Se por um lado a luta pela transparência e justiça no trabalho é ponto central na “moda sustentável”, a luta por sobrevivência através do trabalho e no trabalho é um ponto central na vida de todas essas pessoas, além de termos e novas caixas apresentadas para serem emolduradas. A “moda sustentável” afirma a necessidade da luta, mas antes mesmo desse termo ser cunhado, as pessoas já eram exploradas e já lutavam por sobrevivência.

A apropriação dessas imagens como elaboração de novas histórias e imaginários perpetua uma única vertente narrativa que colabora para distorções dos próprios processos presentes na moda. O deslocamento da causa, como se a exploração só existisse em Bangladesh, Índia, Etiópia, Quênia, sendo colocada uma venda sobre todas as questões presentes no próprio Brasil.



Dessa forma, enquanto só essas imagens são perpetuadas, o branco europeu, em detrimento ao Sul Global, continua a produzir o ideal de que lutará por esses, lidos em seus discursos enquanto os vulneráveis e oprimidos, enquanto continua a reproduzir as narrativas do bem que faz. Nego Bispo, em uma de suas falas, pontuou que, “vou falar de nós ganhando, porque falar de nós perdendo, eles já falam”.

Assim, ainda sem respostas concretas e mais questionamentos, não considero finais tais questões e sim o início de um caminho de descoberta das atuações dessas sustentabilidades defendidas na moda em função de um projeto colonialista que persiste, e de pessoas que trabalham nesse setor e resistem. Resistem através de suas histórias, que é a sua própria luta. Que continuam a trazer em suas mãos a intelectualidade que é invisibilizada constantemente e silenciada através dos discursos e narrativas perpetuados através do marketing e publicidade no setor da moda.

Se a “moda sustentável” pode possuir um caráter de segregação e institucionalização desses saberes nossos, em deles, é também através dessas imagens que expõe esses corpos e os distribui sem as devidas histórias, esvazia-os deles, e os enchendo de outras coisas com o discurso de combater a própria exploração, e tornar sustentável. Sustentável pra quem?

## Bibliografia

- BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra**. Soc. estado Brasília, v. 31, n. 1. 2016.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real**. Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, nov. 2012.
- FLETCHER, Kate e GROSE, Lynda. **Moda e sustentabilidade: design para a mudança**. São Paulo: Senac, 2012.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seus destinos nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 (1989).
- LOPES, Vilma de Souza. **Porque um feminismo negro**. Cad. Gên. Tecnol. [online]., v. 13, n. 41, jan./jun. 2020.
- MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/ Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- MIGNOLO, W.; VAZQUEZ, R. **Decolonial Aesthesis: Colonial Wounds/Decolonial Healings**. Social Text-Periscope: An Online Journal, 2013.
- NAHÓN, Abraham. **Imágenes en Oaxaca. Arte, política y memoria**. Jalisco: CIESAS, Universidad de Guadalajara, Cátedra Jorge Alonso. 2017.
- PETTERSON, Orlando. **The Study of Slavery**. in Annual Review of Sociology, III. 1977.



- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocetrismo e América Latina**. LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.
- RESENDE, F., ROBALINHO, R., & AMARAL, D. G. **Quando a imagem é corpo: modos de sobreviver à máquina colonial**. *Comunicação Mídia E Consumo*, 16(47). 2019.
- SANTOS, Heloisa. **Uma análise teórico-política decolonial sobre o conceito de moda e seus usos**. *ModaPalavra*, Florianópolis, V. 13, N. 28 ,abr./jun. 2020.
- SANTOS, H.; MEDRADO, M. **Moda e Decolonialidade: Colonialismo, vestuário e binarismo**. *Revista TOMO*, 42, e17545. 2023
- TUPINAMBÁ, Glicéria. **O território sonha**. in Terra: Antologia Afro Indígena. Org Ubu Editora, 2023.
- VAZQUEZ, Rolando. **Vistas of Modernity. Decolonial Aesthesis and the end of contemporary**. Amsterdam: Mondriaan Fund, Essay 014, 2020

